



JUVENTUDE E EDUCAÇÃO: UMA POSSÍVEL ABORDAGEM BAKHTINIANA

Vol. 1 nº 1 jan./jun. 2006

p. 125-130

Rosemeiri Custódio da Silva¹

Orientadora: Maria José Rizzi Henriques²

Alguns estudos sociológicos, filosóficos e antropológicos consideram a juventude uma categoria social e no endosso desta idéia não raro utilizam metáforas na tentativa de explicá-la. Dentre elas, escolhemos o poema *Metamorfoses* de Ovídio no qual a juventude está simbolizada como uma das estações do ano, o verão. Nesta, associa-se um período biológico com “a estação das tempestades, das altas temperaturas, ora é o sol, ora é a chuva”, na intenção de, referir-se a esta fase como o momento das paixões, das oscilações emocionais, das crises tanto coletivas como individuais, e, justamente por isso, dogmatizar a juventude como sendo a encarregada de provocar revoluções (LEVI & SCHMITT, 1996, p.12).

Essa correlação que inicialmente dá a idéia de romantização é na verdade profundamente ideológica. Cada fase do desenvolvimento humano apresenta limites e crises, não sendo possível, portanto, designar a juventude em abstrato, pois, cada jovem assim o é em contextos históricos específicos. As revoluções no decorrer da história da humanidade tiveram como participantes vários segmentos sociais e geralmente as lideranças eram de pessoas mais velhas, o que questiona qualquer pré-determinação do caráter desses movimentos, seja dos sujeitos neles envolvidos, sejam na forma em que as ações ocorreram.

Nossa perspectiva, contrária ao postulado descrito, é o da cultura que emerge no âmbito de uma formação social específica e estruturada no modo de produção capitalista, implicando em observar contradições sócio-históricas que forjam movimentos de contestação, de resistência e de confronto às imposições ideológicas, políticas e econômicas. Contudo, a visão dominante biologicista e psicologizante, dogmatiza a juventude como sendo a herdeira da função de contestação da sociedade, de “querer tirar todas as máscaras para desvelar, enfim, uma identidade primeira (COIMBRA, 1995, p. XIII). Ou seja, forja-se uma subjetividade que pretende dentro de parâmetros dominantes, uma categoria de participação e mudança social.

Phillipe Ariés no livro *História social da criança e da família* (1981), ressalta o caráter histórico da juventude, destacando que o jovem só passou a ser uma fase socialmente distinta, no decorrer do desenvolvimento da sociedade moderna

ocidental, mediante a progressiva instituição de um espaço separado de preparação para a vida adulta, na medida em que acontecia a polarização da vida social e o desaparecimento da antiga sociabilidade coletiva.

Assim, se a juventude é edificada sob os signos de rebeldia, contestação, excentricidade e efemeridade, cabe dizer que estes signos tem um valor ideológico especial dentro de cada cultura, de cada período histórico e em relação aos sujeitos envolvidos. Segundo Thompson, o ideológico pode ser compreendido como “sistemas de pensamento, sistemas de crenças, ou sistemas simbólicos que se referem à ação social ou à prática política”. (THOMPSON, 1995, p. 14)

Seja por idealismos literários, paixão revolucionária ou apenas mudanças de comportamento cultural, um universo de possibilidades em linguagens tem-se descortinado. E é a partir dessas possibilidades que a juventude buscará se fundamentar para conquistar sua visibilidade em sociedade. “Sempre existiram indivíduos, nem sempre jovens e ainda menos necessariamente ‘marginais’, que se expressassem e se afirmassem através de um estilo, escala de valores e comportamentos...” (BOLLON, 1993, p. 11).

É no século XX que a juventude emerge como “problema social”, denominados como delinqüentes, excêntricos, contestadores, rebeldes, revolucionários, protagonistas de desordens e violências, movimentos alternativos e transgressores. Percebe-se a necessidade ideológica de demarcar os jovens “bons” dos “maus”, isto é, aqueles que serão rapidamente inseridos nos parâmetros institucionais e aqueles que serão rechaçados. Concomitantemente a este processo de diferenciação ocorre o de generalização: a juventude é denominada coletivamente como os anos dourados, os anos rebeldes, a geração shopping center, nesta, segundo Bakhtin (1995, p. 32), cada signo ideológico não é apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade, portanto, passível de um estudo metodológico.

No início da década de 80, o Brasil apresentava uma conjuntura econômica, política e social, marcada pela *transição* da ditadura para um estado de democracia. A reorganização dos movimentos populares e as lutas abertas contra o regime procuraram dar sentido a uma aposta de transformação global da ordem. Em meio a esse período de definições, permeado por crises econômicas já iniciadas por volta de 1973 a juventude sofreu de forma acentuada o estreitamento das possibilidades de arquitetar uma vida satisfatória através da carreira profissional e de sustentar a participação nos espaços do consumo e da diversão. Somado a isso, a crise das universidades (seletivas, arcaicas no ensino, entre outros aspectos) e a intensa complexidade e fragmentação do meio urbano acabou gerando a necessidade de agilizar as estratégias de ascensão social. Um meio urbano pouco modernizado, pobre de opções, segregacionista e adverso aos jovens com baixo poder aquisitivo

exigia alterações significativas da ordem vigente. A ditadura havia destruído as condições sócio-ideológicas e políticas da democracia burguesa com sua intervenção ao direito ao sufrágio universal, à propriedade privada, à liberdade pessoal e coletiva, nos parâmetros da cidadania plena.

Neste panorama histórico, os signos existentes se refletiram no comportamento dos jovens, por vezes, afirmando-os como indivíduo por vezes marginalizando-os. A juventude assim, não só irá refletir em seu comportamento conformista ou revolucionário, os signos do seu momento sócio-histórico, mas também os utilizará na sua composição como segmento social, dado os confrontos e interesses sociais a que estará submetida. Para Bakhtin, o signo “se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes, é a pluralência que o torna vivo, móvel e capaz de evoluir, refletindo e refratando o próprio ser envolvido nesta trama de valores” (BAKHTIN, 1995, p. 46). A partir daí se configura o universo da linguagem que, ao abranger toda a atividade da cultura humana, descortina relações de poder e os conflitos que irão revelar o que Bakhtin costumava definir como “o acontecimento aberto da vida”.

O denominado movimento de 1968 reapareceu remixado em agosto de 1992, quando brasileiros tomaram as ruas das principais cidades para exigir o impeachment do Presidente Collor. A participação entusiasmada dos cara-pintadas surpreendeu o país, que pouco antes lamentava a apatia, o individualismo e a falta de interesse político entre a maior parte deles. O reverso dramático da participação política dos jovens brasileiros foi motivo de afirmações nostálgicas por parte de alguns, que indagavam se o movimento dos cara-pintadas não significava o renascimento do movimento estudantil no país, uma vez que, os estudantes têm sido figuras visíveis na presente história brasileira: participaram dos principais momentos de transformação cultural e política, sempre num sentido de busca de democratização e modernização da sociedade. Houve um marcante envolvimento da mídia na estimulação de um desempenho semelhante ao de 1968 idealizado em nosso imaginário. Logo após o impeachment, sem o amparo político para sua continuidade, esta “politização” deixou de existir embora a era pós-Collor tivesse apresentado graves problemas em todas as esferas da vida nacional.

A partir dos anos 80 novas questões começaram a definir a condição juvenil e novos espaços de vivência e atuação começaram a ganhar significado: milhares de lugares de diversão e difusão cultural, nos mais diversos níveis aquisitivos, inclusive a própria rua. O apelo consumista, a falta de oportunidades tanto no estudo como no trabalho, dificuldades familiares e uma infinidade de razões levou uma pequena parcela da juventude à organização de uma ideologia contracultural. Era a constituição de uma linguagem coletiva de grupo, tribo, bandos e gangues a anunciar no espaço social uma possibilidade de identidade.

Dessa forma, na grande selva social onde os conceitos, os símbolos e os comportamentos dominantes se configuram e também se desmancham no ar ao sabor dos conflitos sociais, conseqüentemente grupos de jovens passam a se organizar em torno de um estilo próprio, com espaços específicos de diversão e atuação, escolhendo e criando seus próprios bens culturais, criticando a massificação cultural e a imposição da indústria moderna de consumo que, ao mesmo tempo em que gratifica àqueles que respondem ao seu apelo, por outro lado, marginaliza àqueles que não atendem à sua lógica. E através da compreensão de seu estilo, de suas roupas, dos objetos de sua preferência, bem como dos temas das suas músicas, das suas formas de atuação e exposição nos espaços públicos, descortina-se um universo espetacular e nele, os enunciados de angústia, de problemas e de crítica política. “Vendo-os perambular, de longe, em bandos pelas ruas como verdadeiros totens vivos, tinha-se a impressão de ver alguma tribo de índios surgidos não se sabe de onde, num campo de guerra da qual somente eles saberiam a existência e a razão (BOLLON, 1993, p. 126)”.

O punk é um exemplo dessa pluralidade, e seu posicionamento é claro: “com punhos forte e atento a tudo, vejo tuas manobras para me aprisionar. Ouço teus movimentos, esgueiro-me entre os becos, esquivo-me do teu olhar, onde o mundo é perfeito e não existe caos, miséria e fome” (Daniel. Apunhalo-te. Grito Punk).

Para Hannah Arendt (1998) a política “baseia-se na pluralidade dos homens e trata da convivência entre os diferentes”, objetivo claro da contracultura punk ao provocar uma política de contraste, de combate, de resistência, de ousadia e de estilo próprio, uma linguagem repleta de valores ideológicos, uma trama de signos, um quebra-cabeça de significados a serem reinterpretados, um comportamento sócio-político sustentado à margem.

A valorização é a cacofonia da dissonância, a recusa aos padrões de beleza e virtuosismo dominantes. Ressaltam a miséria, na poesia, na máscara facial e nas roupas expressam os valores, os anseios e as crises. Marx e Engels, em *A Ideologia Alemã*, ressaltam que a linguagem nunca é autônoma, ela se constitui por meio das expressões da vida real (1986). Por este prisma, uma frase escrita não se resumirá apenas a uma estrutura de palavras, mas a enunciação de um posicionamento social. Um grito, um desabafo, uma dor, um anseio, um comportamento “simulando esperança, ando distraído procurando um abrigo, caio em precipícios, nadando por turbulências desconsidero meu obscuro. Atraio-me às luzes dos holofotes contando cédulas, deturpando as células que apenas se faz, se quer existir”. (Nana - punk da rua XV).

Portanto, utilizando-se de uma abordagem bakhtiniana, não há como conceituar juventude, pois, ser jovem, ser adulto, ser qualquer outro personagem social, implica em estar relacionado a um contexto, histórico, político, social e cultural de uma determinada época. Assim, procura-se hoje, entender, as denomina-

ções até então dogmatizadas como, revolução, posicionamento político e comportamento social como não estáticos, mas, relativos aos conflitos sociais e históricos a que estão imersos. Propõe-se uma compreensão que, desconstrua padrões e manuais, a fim de interpretar homens e mulheres como sendo sujeitos sociais, e não elementos passivos á ordens abstratas, pois, acompanham o evoluir histórico com suas nuances na mentalidade e nos comportamentos. Tudo está ligado a um processo dialético de relações e conflitos políticos, econômicos, sociais e culturais, a sociedade é uma totalidade e seus detalhes provenientes dessa totalidade, e não meras partículas eternamente conceituadas, não há assim um espaço destinado à juventude, à inserção social e muito menos as mudanças idealizadas no imaginário.

Neste contexto, a educação diretamente ligada à juventude, faz parte dessa totalidade e, portanto, tem de estar aberta à pluralidade que constitui o processo social. Hoje, não há um modelo de estudante e de jovem, mas há conflitos e relações que por serem sócio-históricos são provenientes de um emaranhado de signos ideológicos a serem interpretados e reinterpretados constantemente ao sabor do movimento constante que é o viver em sociedade. As determinações abstratas e a - históricas empobrecem os conteúdos a serem enfocados pela educação e obrigam o educador a situar-se numa única forma, em parâmetros classificatórios e definidos pela supremacia da ordem estabelecida.

Talvez esteja aí a grande dificuldade de se estabelecer diálogos e compreensões no espaço educacional de hoje, pois, estamos sempre fadados a um modelo idealizado e que há muito tempo já não vigora. A escola não é mais o espaço central de apreensão do saber, o jovem que chega aos bancos escolares, já não esconde as suas vivências, talvez isso assuste uma vez que há enraizado em nossa cultura, uma pré-determinação a disciplinarização de opiniões.

Desta maneira, acreditamos que em uma atualidade onde a realidade é descortinada e conceitos se desconstróem, é importante que se reconstrua e descortine também os olhares a cerca dessa realidade, que se busque a compreensão do todo e não das partes, que se conceba a sociedade como um processo constante e permeado por uma diversidade de conflitos e relações ideológicas, pois, é neste arcabouço que os jovens, os adultos, os estudantes, a família e a escola se estruturam e se reestruturam com a velocidade da luz e ao encontro de um oceano de novas e intermináveis pluralidades, de onde cada olhar deve buscar na interpretação dos signos de sua história social, decifrar as insígnias do jovem, do estudante, da escola, enfim, do ser social.

REFERÊNCIAS

1. ABRAMO, Helena Wendell. **Cenas Juvenis – Punks e Darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994.
2. ARENDT, Hannah - **O que é política?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
3. ARIÉS, Phillipe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
4. BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.
5. BOLLON, Patrice. **A Moral da Máscara**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
6. COIMBRA, Cecília. **Guardiães da Ordem**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995.
7. LEVI, Giovanni & SCHMITT, Jean-Claude. **História dos jovens II: a época contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
8. MARX, K. e ENGELS, F. A **Ideologia Alemã (Feurbach)**. São Paulo: Hucitec, 1986.
9. THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna – Teoria Social Crítica na Era dos meios de comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Vozes, 5ª edição, 1995.

NOTAS

- ¹ Graduada em História pela UNIPAR – Universidade Paranaense; Especialista em Sociologia Política pela UFPR – Universidade Federal do Paraná; Mestranda em Letras – Área de Concentração em Linguagem e Sociedade pela UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
- ² Doutora em Educação e professora do Mestrado de Letras da Unioeste/Cascavel.